



**ÁGUA DE BARREIRO, DA CABAÇA AO POTE: MEMÓRIAS ADORMECIDAS NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA BARROCAS E NO CURRÍCULO DE ENGENHARIA
AMBIENTAL**

Tácio Luís de Andrade Conceição¹
Amilcar Baiardi²

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto de pesquisa a análise das lembranças dos moradores da comunidade quilombola Barrocas, em Vitória da Conquista, sobre o acesso e a utilização da água de barreiro, relacionando-os com as Tecnologias Sociais (TS) de convivência com a seca registradas no currículo do curso de Engenharia Ambiental do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Os barreiros são espaços de recordações, onde os sertanejos disputam seus recursos e se entremeiam com suas histórias. Os objetivos desta pesquisa foram: verificar nas reminiscências das memórias dos moradores da comunidade Barrocas de que forma ocorria o acesso, a utilização e a existência de registros sobre as implicações causadas pelo uso inadequado da água de barreiro; e identificar também nas reminiscências de memória dos referidos moradores e nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) a existência de tecnologias sociais que validam o acesso e a utilização dessa água.

A obra ficcional que contribuiu com as reflexões desse estudo foi a “Quadrada das Águas Perdidas” de Elomar Figueira de Mello. A canção retrata uma lagoa misteriosa situada em um sertão profundo, para além do sertão conhecido. Assim como os barreiros, essa lagoa, ao passo que produz vida, encerrando-se nesse fim, revela sua incompletude, suas águas mais desaparecem do que surgem, sua qualidade não é segura e sua localização parece incerta. A abordagem curricular focaliza aspectos relacionados às histórias de vida e às carreiras dos indivíduos, estabelecendo uma relação direta com a memória. O currículo é concebido como “lugar de memória”, na perspectiva que possibilita relacionar o vivido, memórias espontâneas, com os saberes curricularizados, saberes ensinados e saberes aprendidos (MONTEIRO, 2007).

1 Doutorando do PPGEFHC/UFBA, Brasil. Endereço eletrônico: tacioluis@yahoo.com.br

2 Professor e Pesquisador do PPGEFHC/UFBA, Brasil. Endereço eletrônico: amilcar.baiardi@gmail.com



A comunidade quilombola Barrocas começou a ser constituída no correr do processo de transformação do Arraial da Conquista em Vila Imperial da Vitória e por fim na cidade de Vitória da Conquista. Seu principal fator de formação foi o estabelecimento de escravos em terras sem título de propriedade ou em “terras da santa” (OLIVEIRA, 2010). Segundo Souza et al. (2013), por volta da segunda década do século XX os trabalhadores foram expulsos de suas próprias terras, originando o povoado. A resistência subserviente constituiu-se numa importante característica da identidade social dessa comunidade. Em Hume (2001), memória e identidade estão fortemente associadas, o qual classifica a primeira como “[...] a fonte da identidade” (HUME, 2001, p. 293). “As memórias construídas sobre os espaços geográficos possuem grande influência na constituição dos sentimentos de identidade” (ARRUDA, 2000, p. 163).

Nessa abordagem, o barreiro apresenta-se como o mais significativo espaço de lembranças que os moradores do quilombo possuem sobre o acesso à água de consumo. A lida do ir e vir ao local, dia após dia, ininterruptamente, era tão degradante que as lembranças dessa rotina não se restringem a um passado remoto, “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites” (BENJAMIN, 1994, p. 37). O homem está definitivamente vinculado a sua história, sua memória e representação identitária, estão ancoradas em narrativas de forma a constituir, gradativamente, o seu *eu subjetivo* por meio do qual identifica a si próprio e aos outros (GIDDENS, 2002; LE GOFF, 2000). No entrelaçamento do sujeito com a história do seu território, percebe-se que o processo que pôs o sertão nordestino à margem das políticas públicas estruturantes marginalizou também seus indivíduos, restringindo-lhes o acesso a vários serviços, principalmente aqueles que os teriam ajudado a utilizar e adaptar as tecnologias sociais mais adequadas para a convivência com o semiárido (BAIARDI, 2014).

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos foram norteados por marcos da pesquisa qualitativa. Quanto aos métodos adotados para a investigação das questões centrais, foram utilizadas a documentação indireta e a observação direta extensiva. O levantamento de dados através da documentação indireta é feito de duas maneiras, pesquisa documental, ou de fontes primárias, e pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias. Para a pesquisa



documental foram utilizados o Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Ambiental; os TCCs (os autores não foram identificados visto que este não era o objetivo do trabalho); e a base de dados do artigo intitulado: o Acesso a Água na Comunidade Barrocas (SOUZA et al., 2013), as entrevistas deste artigo foram feitas com os moradores mais velhos do quilombo Barrocas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises das memórias reminiscentes dos entrevistados atribuem à mulher a responsabilidade pelo acesso e provimento de água. Era uma situação completamente precária, extenuante, por causa da distância percorrida sob o calor do sol e o peso do recipiente de água, “Era um boqueirão, pra dentro... lá no fundo... lá embaixo desses matos... tinha uma caatinga que nós íam apanhar água e não tinha...” (DONA ZUMIRA apud SOUZA et al., 2013, p. 207). A “Quadrada das Águas Perdidas”, assim como os barreiros, eram locais distantes, de localização imprecisa. Em Portela (2015, p. 93, grifo do autor), “a voz poética canta que, num lugar muito distante, *da Carantonha mili léguas a caminhá / muito mais, inda mais, muito mais*, se encontrava a lagoa misteriosa”. A distância da fonte influencia na quantidade disponível para fazer todas as tarefas domésticas e uso pessoal, quanto maior a distância e o tempo gasto, menor é a quantidade de água coletada. “Não tinha lata, não tinha nada, era na cabaça. Não dava pra muita coisa” (DONA JOSELITA apud SOUZA et al., 2013, p. 208). “Oh meu Pai do Céu!... levava as gamelas, porque não existia bacia, nem nada...” (DONA ZULEICA apud SOUZA et al., 2013, p. 208).

Outro problema observado era a dificuldade para lavar as roupas. Elas eram levadas em bacias e lavadas no barreiro e retornavam ainda úmidas. “E as mulheres que sofriam, lavavam roupa, botavam a bacia na cabeça [...] e a gente chegava aqui e ficava toda dura nas costas” (DONA JOSELINA apud SOUZA et al., 2013, p. 208-209). “Secava lá ‘poruqe’ a gente não aguentava trazer molhada. Sentava lá [debaixo da moita] e deixava lá pra enxugar [...]” (DONA JOSELITA apud SOUZA et al., 2013, p. 208-209). A percepção que se tem é que os fatos narrados, mesmo tendo transcorrido várias décadas, estão muito vivos nas lembranças das senhoras entrevistadas, “Percepções passadas recordadas pela mente servem para dizer que se trata das mesmas percepções sentidas no momento presente” (SILVA, 2014, p. 134). Além da dificuldade de acesso à água em quantidade suficiente, eram consumidas sem um tratamento adequado. A escassez aumenta o risco de transmissão de



doenças. “Se tava numa seca dessas aí pegava era no mesmo lugar onde as vacas bebiam” (DONA BIRA apud SOUZA et al. 2013, p. 208).

Percebe-se nos depoimentos uma relação entre a precariedade do acesso à água e a degradação da qualidade de vida dos moradores do quilombo. A expressão “pó na vasilha” significa que as substâncias sólidas em suspensão decantaram no fundo do pote. Para Souza et al. 2013, p. 209), “é interessante a ligação que o entrevistado faz entre a presença de sólidos na água e a possibilidade, ou não, de adquirir doenças”. “Tenho cisterna, mas a água não é muito boa, junta muito pó na vasilha. Essa água [que é coletada numa fazenda vizinha] fica 15 dias e não junta pó. A gente bebe, quem sabe não ofende a pessoa, né...” (DONA JOSELITA apud SOUZA et al., 2013, p. 209).

Verifica-se que quase todos os moradores da comunidade possuem cisternas em suas casas, apesar do gosto salobro, os moradores têm suas águas como preciosas. As pessoas que vivenciaram o *corrê trecho* até os barreiros, atribuem grande valor às tecnologias sociais de captação e armazenamento obtido pela comunidade. “A minha é da cisterna mesmo. Lá na cozinha é pote, é balde, é tudo cheio de água. E a água daqui é boa, pelo menos pra mim” (DONA JOSELITA apud SOUZA et al., 2013, p.209). “Era um perrengue por causa de água, tanto pra beber, tomar banho, cozinhar, lavar roupa. A gente ía muito longe pra lavar uma camisa, mas agora não, tá melhor!” (DONA BIRA apud SOUZA et al., 2013, p.209).

Sobre as contribuições dos TCCs, observa-se que dos vinte e dois trabalhos analisados apenas o TCC “Estudo da eficiência do coagulante natural *Moringa oleífera* no processo de tratamento de água de Vitória da Conquista – BA” se constitui uma solução adequada para o tratamento da água de consumo humano da comunidade Barrocas. As TS de convivência com o semiárido parecem não figurar como um dos temas relevantes do currículo efetivamente praticado pelos discentes.

CONCLUSÕES

Conclui-se que, nas três realidades abordadas neste estudo, as memórias dos moradores do quilombo Barrocas, o sertão “profundo” da lagoa misteriosa e o currículo do curso de engenharia ambiental, as lembranças da aridez da seca, do tempo ruim, são deixados de lado com as chuvas. A oferta d’água entremeia-se com a esperança e com as tecnologias sociais adequadas. Por meio dos relatos das senhoras do quilombo Barrocas,



foi possível adentrar em suas lembranças e perceber como era penoso o acesso às águas dos barreiros; que o único tratamento dispensado a esse bem era o assentar do pó no fundo do pote; que a lavagem das roupas nesses locais judiava ainda mais seu labor diário; e, com a seca inclemente era preciso procurar barreiros menos seguros. Não foi percebida nos relatos uma relação direta entre o uso de águas de barreiro e o aparecimento de doenças; também não foram observadas referências a práticas de purificação. No que se refere à existência de TS que validassem a utilização dessas águas nos TCCs dos alunos, só um efetivamente apresenta uma solução para a melhoria de sua qualidade; é salutar que o currículo seja praticado numa concepção que projete o indivíduo para dentro do seu espaço social de vivência. Por fim, uma importante categoria percebida nas lembranças dos entrevistados é que o acesso às águas dos barreiros é uma ação encerrada, está presente apenas em suas memórias.

Palavras-chave: Água de barreiro. Memórias. Tecnologias Sociais. Currículo.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, G. **Cidades e sertões:** entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000.

BAIARDI, A. Gênese e evolução da agricultura familiar: desafios na realidade brasileira e as particularidades do semiárido. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 45, suplemento especial, p. 143-156, out./dez., 2014.

BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 50-60. Obras Escolhidas I.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HUME, D. **Tratado da natureza humana:** uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. Traduzido por Débora Danowski. São Paulo: Unesp, 2001. 711 p.

LE GOFF, J. **História e memória.** Lisboa: Edições 70, 2000. v. 2.

MONTEIRO, A. M. F. C. **Ensino de História:** entre história e memória. 2007. Disponível



em: <<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo1.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

OLIVEIRA, C. A. **Quenta Sol**: a história e a memória de uma comunidade através da sua oralidade. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca-SP, 2010.

PORTELA, F. M. D. **Mil léguas a oeste da Carantonha**: vozes na quadrada das águas perdidas. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.

SILVA, A. L. O. Hume e o “Eu” Como um Teatro das Percepções. *É: Revista Ética e Filosofia Política*, n. XVII, v. 1, ago. 2014.

SOUZA, K. O. S. et al. O acesso a água na Comunidade Quilombola Barrocas/BA. In: SEABRA, G. (Org.). **Terra**: qualidade de vida, mobilidade e segurança nas cidades. 1. ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. p. 201-212.